

# O VÉU NO ISLÃO - O QUE DIZ O ALCORÃO

---

Texto retirado de <http://ostervald.free.fr/muslim/levoile.htm>

*Depois de estudar na Universidade de Al Azhar no Cairo, Mahmoud Azab obteve o doutoramento em Estudos Semíticos em França (Sorbonne 1978). Foi professor de línguas semíticas na Universidade Al Azhar, no Cairo. Tem sido professor cooperante responsável pelo ensino bilingue em muitas universidades africanas (Níger, Chade.). Foi também delegado da Universidade de Al Azhar em conferências internacionais sobre diálogo intercultural. Foi nomeado em 1996 em Paris como Professor Associado de árabe clássico (língua e literatura) no Instituto Nacional de Línguas e Civilizações Orientais (línguas «O») onde é Professor Catedrático de Islamologia desde 2002.*

**Em França e noutros lugares, certas práticas de muçulmanos parecem questionáveis ou perturbadoras. Serão estas práticas «verdadeiras» do Islão? As respostas aproximadas ou completamente erradas vêm de todo o lado. Há um número crescente de posições; a ignorância é muitas vezes um facto da vida.**

**Pareceu-nos importante questionar um especialista em Islão, o Professor Mahmoud Azab, para nos iluminar sobre o Islão dando-nos indicações históricas e académicas sobre o texto fundador da religião. Ele explica-nos a doutrina religiosa e a sua evolução, que são muito diferentes das práticas populares do Islão. Com ele, inaugurámos uma série de entrevistas sobre temas que questionam as sociedades ocidentais e as comunidades muçulmanas, particularmente em França. A primeira entrevista tratou do apedrejamento. Hoje, estamos a explorar a questão do «véu» das mulheres.**

**Arthur Nourel: Professor, antes de abordar directamente a questão do véu das mulheres no Islão, existe um contexto global da situação das mulheres que gostaria de apresentar para que os nossos leitores nos possam acompanhar na viagem histórica e textual que estamos a propor?**

**Professor Mahmoud Azab:** Para lidar com o tema do véu no Islão, é primeiro necessário conhecer o estatuto das mulheres árabes na sociedade islâmica antiga e compará-lo ao estatuto das mulheres na sociedade judaico-cristã bíblica e ao estatuto das mulheres nas culturas gregas e egípcias. É examinando a história e o contexto sociológico que se pode explicar e compreender a posição do Alcorão e do Islão, na altura, no que diz respeito às mulheres.

As mulheres na sociedade grega, por exemplo, não eram consideradas como «objectos de desejo». A relação de prazer foi glorificada entre os homens. Entre os gregos, as mulheres tinham um estatuto muito inferior ao dos homens. Os filósofos gregos são todos homens.

Examinemos o estatuto da mulher na sociedade da Península Arábica ante-islâmica, num período histórico muito distante do da emergência do Islão. Aprendemos que as mulheres estavam geralmente numa posição muito forte, com maior liberdade e direitos do que os homens. Uma mulher tinha o direito de repudiar o seu marido. O oposto foi proibido. Lembre-se de Belkis, a Rainha de Sabá. O Antigo Testamento e o Alcorão (Ant Sura) evocam-na numa posição dominante: bela, forte, inteligente. Cuidado, tudo isto remonta muito atrás na história antes do aparecimento do Islão!

**AN: Esta «liberdade» para as mulheres era aplicável em todas as áreas ou existiam restrições?**

**MA:** Outra tradição é relatada por historiadores da Antiguidade Islâmica que atesta a liberdade das mulheres. Quando um homem regressou a casa e encontrou a porta da sua tenda virada para fora (o inverso da sua direcção normal de pendurar), isso significava que estava temporária ou permanentemente impedido de entrar. Nessa altura, uma mulher tinha o direito de dormir com os

homens da sua escolha antes do casamento. Quando engravidasse e mesmo antes do nascimento da criança, escolheria entre aqueles que tinham sido seus amantes aquele que assumiria a paternidade da criança, possivelmente concebida por outro. Claro que escolheria o mais forte ou o mais rico ou o mais habilidoso, etc.

**AN: Não serão estas construções teóricas e a posteriori para justificar as regras estritas que o Islão impõe às mulheres?**

**MA:** Não. Muitos cientistas, sociólogos e historiadores encaram o Alcorão como um documento que relaciona uma época e testemunha a vida quotidiana mais do que como um livro religioso. E salientam com razão que muitas vezes o texto muçulmano insiste em proibições. Quando o texto diz «não», isso significa que esta prática, agora proibida, era generalizada antes do aparecimento do Islão. Por exemplo, era tradicional antes do aparecimento do Islão que homens e mulheres fizessem nus a peregrinação pagã em torno da Kaaba. Por esta razão, o Islão proíbe a nudez durante a oração e a peregrinação. Como sempre, para compreender uma regra, é importante olhar para o contexto sócio-cultural, espiritual e económico da formação desta nova comunidade que tem sido chamada «muçulmana».

**AN: É assim que se explica a proibição do Islão de enterrar (ao vivo) raparigas à nascença?**

**MA:** Sim, era uma prática generalizada antes do aparecimento do Islão, que o texto proíbe formal e definitivamente. Acrescentaria que se a punição que vem com a proibição é forte, significa que o acto agora proibido era muito generalizado.

**AN: Diz-nos que as mulheres tinham mais direitos do que os homens e eram mais livres e independentes do que os homens, e no entanto as raparigas eram enterradas vivas à nascença como inúteis. Isso não é contraditório?**

**MA:** O que vos estou a dizer sobre a grande liberdade das mulheres diz respeito a uma época muito distante do aparecimento do Islão. Mas privados de direitos, os homens começaram a reclamá-los e inverteram o curso da história, alterando gradualmente a sua condição. Ao mesmo tempo e como resultado, a condição das mulheres deteriorou-se e os homens ganharam vantagem de tal forma que se assemelhava a uma vingança. É uma manifestação em forma de pêndulo do diálogo da história. Quanto mais nos aproximamos da emergência do Islão, menos invejável é o estatuto da mulher.

**AN: Na véspera do advento do Islão, o estatuto da mulher tinha-se assim deteriorado seriamente em comparação com o que era alguns séculos antes. Como é que esta deterioração se manifesta?**

**MA:** Em mais do que um sentido. Já mencionámos o enterro de recém-nascidos do sexo feminino. O repúdio de uma mulher pelo seu marido deixa-a sem direitos e sem recurso. Esta é outra consequência visível da deterioração da condição feminina. Quando olhamos para a sociedade antieslâmica, mas numa época próxima da emergência do Islão, ou seja, numa época em que as mulheres eram dominadas pelos homens, apercebemo-nos de que um homem podia casar com tantas mulheres quantas quisesse e ao mesmo tempo casar com tantas mulheres quantas quisesse, que muitas vezes dependiam dele para sobreviver; do mesmo modo, podia também repudiar tantas mulheres quantas quisesse, sem ter quaisquer obrigações legais vitais para com elas. Em breve, estas mulheres repudiadas, que dependiam dos seus maridos para viver, viram-se na miséria. Quando não caíram na escravatura no sentido estrito da palavra, envolveram-se na prostituição, que é uma forma terrível de escravatura. E para atrair a atenção, estavam frequentemente descalças, como as prostitutas sagradas conhecidas na Mesopotâmia e na Índia, regiões com as quais a Península Arábica negociava e tinha intensos intercâmbios culturais e humanos.

**AN: Então o Alcorão pede às mulheres «na miséria» e «nuas» para usarem o véu?**

**MA:** O véu generalizou-se com o Islão como símbolo de uma dignidade reconquistada. A religião pediu às mulheres que se converteram ao Islão que se vendessem para se distinguirem dos escravos, como forma de dizer a cada uma delas: «já não precisamos de nos vender (para sermos escravas); a nova religião dá-nos um estatuto e agora temos direitos. Os nossos maridos já não nos podem repudiar, com razão ou sem ela, e se o divórcio for pronunciado, mantemos os nossos meios de subsistência».

Assim, o véu só tem importância de acordo com o contexto sócio-cultural em que aparece. Não é, portanto, um princípio fundamental do Islão.

**AN: Diz-nos que nos primeiros tempos do Islão, o véu era recomendado como um sinal ostensivo da «libertação» da mulher. Existem outros elementos no texto sagrado que atestam esta vontade do Islão de libertar as mulheres e torná-las iguais aos homens?**

**MA:** Nas outras duas religiões monoteístas reveladas, judaísmo e cristianismo, a mulher é considerada a única responsável pela expulsão do paraíso. No Antigo Testamento, Eva é responsável pelo pecado. A serpente seduz Eve que seduz o homem. É por isso que no Génesis, Deus castiga todos; condena a serpente a rastejar e a comer terra e a mulher está condenada a dar à luz em dor e a ser «submissa» ao homem.

No Corão, Deus dirige-se «aos dois» protagonistas do paraíso (Adão e Eva). Ele usa a forma gramatical de um duelo. O texto coloca o homem e a mulher em total igualdade na responsabilidade. Mas infelizmente, as interpretações corânicas, que são frequentemente feitas por homens, serão manipuladas e ouviremos que foi Eva que incitou Adão a comer o fruto da árvore proibida. O Alcorão diz o contrário. «Satanás enganou-os a ambos»? Se insisto nesta história bíblica e corânica, é para dizer que ela tem uma influência através dos séculos nas consciências e na imaginação do povo e não para julgar os textos sagrados. Volto à Bíblia para dizer simplesmente a evolução de elementos comuns nas culturas semíticas monoteístas.

**AN: Como se menciona o véu no texto do Alcorão?**

**MA:** O termo «véu» em francês, o usado na cabeça, é usado como tradução da palavra árabe «hijab». E do ponto de vista do linguista, esta tradução é uma mudança de sentido. O tema do hijab é mencionado oito vezes no Corão. E não se deve referir uma única vez à peça de vestuário com que uma mulher deve cobrir a sua cabeça.

**AN: Pode dar-nos as referências das oito Suras em questão?**

**MA:** Na Sura 7, versículo 46, o texto, que se refere ao além, diz: «Um véu espesso é colocado entre o Paraíso e a Geena.» Aqui a palavra árabe hijab assume claramente o significado de uma cortina de separação, como nas outras sete suras, embora o contexto seja diferente.

Sura 17, versículo 45 trata da protecção «virtual» que Deus dá ao Seu Profeta quando lê o Alcorão: «Quando lês o Alcorão, colocamos um véu espesso entre ti e aqueles que não acreditam na vida futura».

Em Sura 19 versículo 17 a palavra véu é usada para representar a distância geográfica que se coloca voluntariamente entre si e os outros: «(V16) Mencione Maria, no Livro. Deixou a sua família e retirou-se para um lugar no Oriente. (V 17) Ela colocou um véu entre si e a sua família.»

Na Sura 33, versículo 53, o texto indica àqueles que são convidados a entrar na morada do Profeta e possivelmente a tomar ali uma refeição, a conduta que deveriam ter. A Sura aconselha-os a não se demorarem depois de comer e a retirarem-se sem se envolverem em conversas familiares após a refeição. E acrescenta: «Quando pedires algo às esposas do Profeta, fá-lo atrás de um véu. É mais puro para a sua corte e para a deles». Também aqui, a palavra hijab significa cortina e não o véu que se quer colocar sobre a cabeça das mulheres. E é apenas ao dirigir-se às esposas do Profeta que se deve fazê-lo atrás de um véu.

No muito poético Sura 38, o versículo 33 evoca o hijab no sentido de «crepúsculo»: «Quando uma noite lhe foram apresentadas fugas nobres, ele disse: 'Eu preferia o amor deste bem à memória do meu senhor, até estes cavalos desaparecerem atrás do véu. Depois começou a cortar-lhes os jarretes e o pescoço».

Sura 41, versículo 5 evoca aqueles que se afastam do chamamento do Profeta: «Dizem: 'Os nossos tribunais estão envoltos num véu espesso que nos esconde aquilo a que nos chamais; os nossos ouvidos estão surdos; um véu é colocado entre nós e vós. Portanto, actue, e nós actuamos.» Vemos aqui como o véu (hijab) pode ser positivo (para preservar o crente que correria o risco de sucumbir aos encantos das esposas do Profeta), ou negativo, uma vez que impede alguns de ouvir o apelo da nova fé.

Sura 42, versículo 51 trata da palavra que Deus transmite ao homem. «Não foi dado a um homem mortal que Deus lhe fale a não ser por inspiração ou por detrás de um véu, ou enviando-lhe um Mensageiro a quem é revelado, com a sua permissão, o que ele quer. Ele é muito alto e sábio».

Finalmente, no versículo 15 da Sura 83, o Texto adverte os incrédulos do seu destino: «Não, serão separados do seu Senhor nesse dia, e cairão na fornalha». Então ser-lhes-á dito: 'Isto é o que se chama uma mentira'. (Nota do editor: A tradução usa a palavra «separação» para restaurar a palavra árabe lamahgouboun construída sobre a base do hijab).

**AN: Então está a dizer-nos que os muçulmanos que usam a palavra «hijab» para se referirem ao lenço que cobre a cabeça das mulheres estão a cometer uma contra-medida?**

**MA:** Sim, eles estão a cometer um contra-senso linguístico ao vocabulário corânico. E as mulheres muçulmanas que dizem que o hijab é mencionado no Alcorão estão enganadas quanto ao significado da palavra. Elas precisam de compreender o significado da palavra.

**AN: Para além deste contra-senso da palavra, será que aqueles que incitam as mulheres a envergonharem-se não cometem outros contra-meios?**

**MA:** No sentido contra-linguístico, deve ser acrescentado um contra-golo.

O contra-senso de propósito é que o véu era para designar as mulheres libertadas da escravatura, porque elas se juntam à nova religião. A partir de agora, a comunidade cuidará das necessidades daqueles que não se podem sustentar sozinhos. Era, portanto, uma «libertação» na altura. Sublinho a palavra «então» porque hoje, em muitos casos, o véu parece ser a escravização das mulheres. Assim, produz um efeito contrário àquele que se pretende alcançar. Então, o que deve ser favorecido? O véu a todo o custo ou o seu significado simbólico? É necessário querer formar mais do que liberdade?

A questão que realmente colocamos é a da historicidade do texto. A revelação é no entanto feita ao longo de vinte e três anos de vida profética. Durante este período, o Profeta invoca a sua razão para alinhar a revelação, que ele não contesta, com a realidade.

**AN: O Alcorão recomenda que todas as mulheres cubram as suas cabeças e ombros? E em que vocabulário é que o faz?**

**MA:** O Alcorão trata do vestuário feminino apenas no amplo contexto da vida social, educação e família. Encoraja a «modéstia».

**AN: Diz-se «modéstia», e esta palavra, que é amplamente utilizada, especialmente pelas mulheres que usam o véu, tem hoje em dia uma conotação sexual clara. Não há uma má tradução em francês do significado da palavra «ihticham»? Não deveríamos antes falar de «decência» em vez de modéstia?**

**MA:** Provavelmente tem razão. O Alcorão é principalmente sobre a preservação social. E, nesta leitura, convida a mais decência do que modéstia com a sua conotação sexual, pelo menos quando se trata de vestuário. Mas as injunções que visam a decência do vestuário não dizem apenas

respeito às mulheres! E isto é um grande erro cometido por intérpretes que não estudaram o suficiente. Sempre que o Alcorão fala de vestuário, fala para ambos os sexos.

**AN: Por exemplo?**

**MA:** Sura 24, versos 30 e 31: Diga aos crentes para baixarem o olhar, para serem castos, será mais puro para eles. Deus está bem ciente do que eles fazem. Diga às mulheres crentes para baixarem os olhos, para serem castas, para mostrarem apenas a aparência exterior dos seus trajés, para dobrarem os seus «véus» «sobre os seus seios», para mostrarem os seus trajés apenas aos seus maridos ou aos seus pais, ou aos pais dos seus pais, ou aos pais dos seus maridos, ou aos filhos dos seus maridos, ou aos filhos dos seus irmãos, ou aos filhos dos seus irmãos, ou aos filhos das suas irmãs (...). As leituras de hoje do texto devem esclarecer-nos sobre um ponto essencial: a ligação entre o(s) objectivo(s) e os meios, ou aprender a distinguir entre o estável e a variável, sendo o estável o objectivo e a variável o meio utilizado para atingir o objectivo. No caso presente do Sura 24, o objectivo é que homens e mulheres sejam livres e castos. Esta é a parte estável da mensagem, a sua intenção espiritual. Os meios são, portanto, secundários.

**AN: Qual é a palavra árabe no Alcorão para o que as mulheres devem dobrar sobre os seus seios?**

**MA:** A Sura «Al Nour» que acabámos de citar dá-nos a palavra «Khimar». «Wa liyadrabna bi khumurihenna ala jouyoubihenna». A pergunta sobre o que são os «khumurs» abre uma discussão já importante: a melhor tradução aceite da palavra é que se trata de uma peça de vestuário larga. A palavra «jouyoub» significa «bolsos» em árabe moderno. Mas um ante-poeta islâmico, falando da beleza de uma bela mulher, evoca o seu «jouyoub» e diz-nos que deixou os seus seios «nus», ou seja, visíveis. O texto sagrado convida portanto as mulheres a não mostrar os seus seios e a dobrar as suas amplas roupas sobre os seus seios; a revelarem-se apenas em frente dos seus próprios seios; a não se comportarem de uma forma provocadora. E este convite para medir é encontrado nas três religiões monoteístas. No Islão, este convite é dirigido tanto a mulheres como a homens.

**AN: Será então necessário compreender que o «khimar» é mais uma peça de vestuário nos ombros do que um véu que sairia da cabeça, cobrindo-a, bem como o peito?**

**MA:** Absolutamente. Comentadores antigos, como Al Tabari, por exemplo, podem ter estado mais próximos do significado exacto do texto porque sabiam exactamente a que se referia o texto e qual era a situação anterior ao texto e que o texto sagrado iria, portanto, mudar. Tal como antes do aparecimento do Islão, algumas mulheres estavam descalças pelas razões já mencionadas, pelo que o texto corrigiu os efeitos de uma situação que era prejudicial para os direitos das mulheres. Assim, a abordagem essencial do texto, o principal objectivo do texto, não é velar ou não velar a cabeça ou os seios das mulheres, mas proporcionar-lhes liberdade e protecção em relação ao contexto em que se encontram. E se hoje o contexto em que se encontram percebe o véu como submissão, então podem, para dizer a sua liberdade adquirida pelo Islão, mostrar-se com a cabeça descoberta!

O Alcorão prevê uma solução quase «técnica» para alcançar o objectivo (o estável). A solução técnica para a subjugação das mulheres, na altura, era o véu. O estável é portanto a liberdade dos homens e das mulheres e a sua igualdade. Por conseguinte, é necessário reter apenas o estável. O véu é um meio. Não é um objectivo. É variável. É isto que os comentadores antigos nos dizem quando explicam que o Alcorão deve ser compreendido em relação ao que o precede e ao seu contexto. O estatuto da mulher é bastante pobre numa época que está próxima do advento do Islão e que o Islão está a melhorar. Se a situação das mulheres se deteriorar novamente, hoje, por exemplo, o espírito do Corão, deve ter precedência sobre a interpretação. Esse espírito é para libertar os oprimidos. Essa é a parte estável da mensagem. Os meios utilizados são variáveis.

**AN: Quem são as injunções do Alcorão sobre o vestuário dirigidas e quais são os contornos destas injunções?**

**MA:** Na Sura 32, versículo 59, o Alcorão dá-nos uma lista precisa do que fazer e a quem fazer.

«Ó Profeta (pbuh), diz às tuas esposas, às tuas filhas, e às esposas dos crentes, que se cubram com os seus 'véus' (*aqui a palavra véu deve ser entendida no sentido de roupa*): esta é a melhor maneira de ela se dar a conhecer e não se ofender. Deus é o perdoador e misericordioso».

Vamos especificar desde já que a palavra traduzida por «véu» em muitas traduções de qualidade é na realidade, em árabe, «jalbibihenna», que é um plural feminino possessivo de djellaba (galabeyya no egípcio). É portanto óbvio que não é de um véu na cabeça que se está a falar, mas sim de uma peça de vestuário para se cobrir. «Cobrir-se com os seus véus», portanto, não indica que a cabeça deve ser coberta. A cobertura da cabeça tem mais a ver com hábitos de conveniência do que com qualquer símbolo religioso.

Basta ver uma mulher (ou um homem!), no Ocidente ou no Oriente, nos campos, no deserto ou no mar, para compreender que trabalha mais confortavelmente com o cabelo puxado para trás e a cabeça protegida do sol. Além disso, o Alcorão não convida a «esconder-se» cobrindo-se a si próprio, mas sim a «designar-se a si próprio para os outros como um ser livre».

O objectivo desta sura não é «camuflar» possíveis encantos femininos, mas permitir às mulheres, outrora objectos de luxúria que reduziam a sua liberdade, afirmar que são agora livres. Isto é o que devemos recordar. E repito: se o véu hoje indica a submissão de uma mulher, então é urgente que as mulheres se livrem dele. A fim de responder a esta pergunta, perguntemo-nos se o Islão convida à submissão? e a quem? ao homem ou a Deus? Neste contexto, a «capa» é dirigida a todas as mulheres; esposas e filhas do profeta, esposas dos crentes. Isto significa que o Islão liberta todos aqueles que o abraçam.

**AN: Como podemos distinguir no texto entre o que é dirigido às esposas do profeta e o que é dirigido a todas as mulheres crentes?**

**MA:** Sura 32 versículos 32 e 33: Ó vós, esposas do Profeta! És como nenhuma outra mulher. Se sois piedosos, não vos menosprezeis no que dizeis, para que aquele cujo coração está doente não vos cobice. Use uma linguagem que lhe seja apropriada. Fiquem nas vossas casas, não se mostrem nas vossas finuras como as mulheres faziam nos tempos da velha ignorância (Jahiliyya)«. Em árabe diz: Yanissa'a al Nabi lastunna ka'ahad minal nisa» Tabari explica que o significado do texto é que as mulheres não se parecem com escravas quando deixam as suas casas. A liberdade trazida às mulheres cuja condição era má é o sentido profundo e agora perdido do texto.

**AN: Pode o que foi dito sobre as esposas do Profeta, que foram apresentadas como uma espécie de modelo para as mulheres, ser aplicado a todas as mulheres muçulmanas que querem lutar pela perfeição?**

**MA:** A minha resposta deve ser em duas partes: Para falar de crentes de ambos os sexos o Alcorão usa a palavra mou'menina e mou'menati: «qul lelmou'menina (...) wa qul lelmou'menati». «Diga aos crentes (...) e diga às mulheres crentes». Quando fala das esposas do Profeta, usa as palavras esposas. Além disso, Sura 32 verso 32 explica bem que «as esposas do Profeta (pbuh) não são como qualquer outra mulher». O Alcorão não pede às mulheres da comunidade que se assemelhem às esposas do Profeta. Contudo, uma vez que isto não é formalmente proibido, as mulheres muçulmanas podem procurar um modelo a seguir pelas esposas do Profeta. Mas é importante que sigam o exemplo da espiritualidade e liberdade das esposas do Profeta, e não procurem imitá-las sem compreender as razões para as acções das esposas do Profeta. A busca e afirmação da liberdade deve ter precedência.

Contudo, tenha cuidado com a ideia de que algumas mulheres aplicam a si próprias apenas o que é devido pelas esposas do Profeta. Estavam proibidos, por exemplo, de voltar a casar após a morte do Profeta. Será que uma mulher muçulmana viúva acharia benéfico, porque está a generalizar as condições impostas apenas às esposas do Profeta, que as viúvas muçulmanas não sejam autorizadas a voltar a casar?

**AN: Porque é que as mulheres muçulmanas nos países muçulmanos vão disfarçadas?**

**MA:** Esta investigação deve ser levada a cabo a vários níveis: escavação sobre a história, tradições e culturas dos povos. Quando nos encontramos num campo estritamente religioso, ao nível do «sagrado», quando procuramos os deveres dos crentes, o lícito e ilícito, o castigo, devemos absolutamente procurar o «espírito do texto», ou seja, a parte estável do mesmo.

No que diz respeito ao véu, existe hoje em dia uma tendência para querer misturar tudo. Este é um comportamento frequentemente ligado à ignorância e à leitura do texto a um único nível, ou seja, sem lhe dar qualquer profundidade histórica. A mensagem do Islão é intemporal. Como de facto a das outras duas religiões monoteístas. No entanto, só é compreensível se se referir ao contexto em que o Alcorão foi entregue. Isto é exactamente o que os muçulmanos não fazem (já não fazem) hoje em dia. Assim, alguns loucos, alguns fundamentalistas, movidos por motivos que nada têm a ver com fé, apresentam as massas ignorantes e analfabetas com uma leitura limitada e orientada do texto. Para se ter a coragem de o discutir, é preciso ter a cultura da discussão e do debate. Isto pode ser aprendido em famílias e escolas, e não é o caso na grande maioria dos países muçulmanos (e não-muçulmanos!) de hoje. Por isso, as mulheres estão a vilipendiar-se a si próprias. Os homens procuram refúgio num lugar melhor do que o seu ambiente imediato, que é de miséria económica e de miséria social e cultural. E, gradualmente, isto em outros lugares foi transformado num mercado «depois». Uma vez que a vida aqui é difícil e miserável, há um melhor «depois». E a Deus são dados «sinais» da sua boa conduta na terra, aplicando o que é apresentado pelos manipuladores e hipócritas como a fé muçulmana, desviado do seu significado original e «vendido» hoje sob a única leitura do fundamentalismo que véu as mulheres e grita o seu ódio ao «Ocidente» em particular e ao «outro» em geral. A luta de classes que costumava ter lugar dentro do mesmo país, dentro da mesma sociedade, tornou-se uma luta de regiões dentro do mesmo mundo globalizado. E isto é expresso, entre outras coisas, através de um Islão que foi desviado do seu significado, sob a influência de ricos comerciantes de petróleo ignorantes, no mundo muçulmano e noutros lugares.

**AN: O que dizer às mulheres e raparigas muçulmanas que usam o véu em França?**

**MA:** Em primeiro lugar, se quiserem chamar a si próprios muçulmanos, peço-lhes que conheçam bem a sua religião. Ou seja, o texto e a sua história. Para saber antes de escolher. Conhecer e debater. E escolher quando são adultos, em idade e conhecimento. Então, convido-os a dizer a sua liberdade.

A liberdade não tem a ver com esconder-se, se quiserem. É afirmar-se como livre numa sociedade que abre o caminho para a liberdade. Eles são franceses. Fazem, portanto, parte da sociedade francesa. Se o véu é um obstáculo à sua liberdade, ou seja, à sua imersão total na sua sociedade, então devem reflectir e procurar apropriar-se dos valores da sociedade francesa que é a sua. As raparigas muçulmanas devem procurar e falar sobre os valores corânicos que são dirigidos a toda a humanidade. Não devem focar o véu ou outros assuntos semelhantes que dependem mais de um contexto variável do que de uma visão estável do mundo.

*N.B. Para citações do Alcorão, a tradução utilizada é a de Denise Masson, Essai d'Interpretation du Coran Inimitable, Dar Alkitab Allubnani, Beirute, Líbano.*